

REINVENÇÃO DE CÓDIGOS SOCIAIS E DA ESPACIALIDADE PELA VIA DA CIBERCULTURA

Maria Stella Galvão Santos • Universidade Potiguar (UnP);
Mestre em História da Ciência (PUC-SP); E-mail: stellagalvao@unp.br

RESUMO: A produção contínua de conteúdos e a promoção de interações comunicacionais em meios digitais constituem mudanças radicais e irreversíveis na condição do sujeito, na relação dos indivíduos com o entorno, no modo como se vislumbra e compreende o mundo, ou seja, na forma de relacionar-se por meio da cultura absorvida e incorporada. Um golpe desferido na crença tradicional de objetividade do universo e da realidade. As tecnologias da comunicação, ao reformularem as bases informacionais da cultura contemporânea, instalaram a via da cibercultura de forma irreversível. Nesta espécie de nirvana virtual, vislumbrado no espaço proporcionado pelas redes sociais, este sujeito/consumidor/propositor contesta ou sinaliza publicamente descontentamentos, frustrações e opiniões, valendo-se dos fluxos multidirecionais de interatividade e comunicação. Neste artigo, abordamos, portanto, as relações entre a cibercultura e o pensamento contemporâneo, através dos caminhos e indícios das interações que se esboçam continuamente no espaço atemporal da Internet.

Palavras-chave: Meios digitais. Comunicação e Interatividade. Cibercultura.

REINVENTION OF SOCIAL CODES AND SPATIALITY THROUGH THE CYBERCULTURE

ABSTRACT: The continuous content production and promotion of communicational interactions in digital media constitute radical and irrevocable changes in the subject condition, in the relationship of individual with their surroundings, in the way the world is seen and apprehended. The way through the culture is absorbed and incorporated is also a preoccupation. It's a blow on the traditional belief in the universe of objectiveness and reality. Communication technologies reshaped the informational basis of contemporary culture and installed the cyber culture in a irreversible way. In this kind of virtual Nirvana offered by the arena of social networks, this subject/consumer/proposer publicly contests or signs discontentment, frustrations and opinions through the multidirectional flows of interactivity and communication. Therefore, in this work, it approaches the associations between cyber culture and contemporary thinking through the pathways and hints of the interactions that are continuously drafted on the timeless space of the Internet.

Keywords: Digital media. Communication and Interactivity. Cyber culture.

1. INTRODUÇÃO

A Internet se afirmou como um espaço decisivo para a integração dos códigos comunicativos e culturais, especialmente a partir da última década do século XX. A cultura, por natureza dialética, situando o homem como produtor e produto, novamente se articula nesse campo como orientadora e refletora de impulsos dinâmicos. É o que Roland Barthes chama de fatalidade: “em um certo sentido tudo é cultural, e é impossível praticar uma não-cultura. A cultura é uma fatalidade a que estamos condenados” (BARTHES, 1981, p. 150). O legado da cultura, por gerações, sempre se estabeleceu por meio da educação.

Na Grécia antiga, essa relação ganhou grande importância na construção da cidadania, denominando-se *Paideia* a esse processo global de integração social. Na sociedade contemporânea, a comunicação mediada por computadores interligados em rede gera grande diversidade de comunidades virtuais, caracterizando a metáfora da “aldeia global”, conforme Ianni: “províncias, regiões e nações, culturas e civilizações, são atravessadas e articuladas pelos sistemas de informação e comunicação” (IANNI, 1997, p. 228). Nesse espaço social, dirá o autor, ocorre um processo de difusão de padrões culturais globais, que acarretam alienação dos valores e das culturas locais. São esses novos rearranjos, sob a égide de fatores condicionantes da cultura, que nos interessa examinar à luz de alguns autores que se detêm nessa análise.

2. DESENVOLVIMENTO

Hall (1998) sugere que a crise identitária, no processo de globalização, relaciona-se com noções de identidade cultural formuladas em torno do papel que o sujeito social adquiriu nas transformações históricas recentes da humanidade. As práticas contemporâneas ligadas às tecnologias da cibercultura têm configurado a cultura contemporânea como uma cultura da mobilidade. Na concepção iluminista, o indivíduo era dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, sendo o centro essencial do “eu” a identidade de uma pessoa. Em contrapartida, na concepção sociológica, a identidade do sujeito se forma através da relação deste com outras pessoas, da interação de valores, sentidos, símbolos e cultura dos mundos habitados pelo sujeito. A identidade, nessa concepção, preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público: “a identidade (...) costura (...) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto

os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 1998, p.10).

Acerca das teorias de Abraham Moles, Barbosa afirma que esse autor diferencia “cultura viva”, em perpétua evolução, de “cultura adquirida”, representada pela memória comum do grupo social numa dada época; mas, também, distingue a “cultura individual”, que se constituiria na “soma da educação e da experiência de cada indivíduo no domínio do conhecimento, e a cultura coletiva”, que é pertença do grupo social e se caracteriza por uma rede de conhecimentos (BARBOSA, 2002).

Na globalização, essa ideia de identidade unificada e estável tem sido fragmentada, apresentando-se como uma composição de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou mal resolvidas. Há pensadores que entendem, hoje, que cultura e informação “são fenômenos interligados pela sua própria natureza” (MARTELETO, 1995, p. 90). A cultura funcionaria como uma memória que, ao conservar e reproduzir artefatos simbólicos e materiais de geração em geração, torna-se a depositária da informação social. Neste sentido, “torna-se o primeiro momento de construção conceitual da informação, como artefato, ou como processo que alimenta as maneiras próprias do ser, representar e estar em sociedade” (MARTELETO, 1995, p. 91).

Dessa forma, a socialização da cultura (linguagem, estética, visão de mundo, valores, costumes) assume papel relevante para a democratização do acesso e uso da informação. Considerando os pressupostos de uma leitura antropológica da informação, seu processo de construção como objeto de estudo só se complementa quando se levam em conta as estruturas materiais e simbólicas de um dado universo cultural e as relações práticas e representações dos sujeitos, cada vez mais mediadas por um modo informacional e competente de ser e estar em sociedade. Assim, a tendência é se buscar no(s) outro(s), cuja identidade é semelhante à nossa, pessoas com ideais, valores ou crenças próximas às nossas. Assim, fundam-se as comunidades, independentemente do número ou do gênero dos seus membros.

As últimas décadas do século XX geraram o fenômeno da globalização, ao derrubar uma das mais impactantes condicionantes da ação do homem – o espaço. Na perspectiva de Castells (1999), as novas tecnologias não são simples ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia, como no caso da Internet. Segue-se uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (forças produtivas).

O advento de uma miríade de recursos não prescinde da imersão do sujeito em suas multiplicidades positivas. “Essas tecnologias intelectuais situam-se fora dos sujeitos cognitivos, como este computador sobre minha mesa ou este livro em suas mãos” (LÉVY, 1994, p. 47). Mas, também as tecnologias, destaca o autor, estão entre os sujeitos como códigos compartilhados, “em textos que circulam, programas que copiamos, imagens que imprimimos e transmitimos por via hertziana.

(...). As tecnologias intelectuais estão, ainda, nos sujeitos, através da imaginação e da aprendizagem” (LÉVY, 1994, idem).

Identidades que compunham as paisagens sociais externas aos indivíduos e asseguravam as necessidades objetivas da cultura estão entrando em colapso diante das mudanças estruturais e institucionais. Mais que um processo de transformação social e cultural, a globalização representa a materialização de um paradigma que toma corpo a partir do momento em que um novo insumo assume papel de “fator-chave” no desenvolvimento das forças produtivas: a informação (ORTIZ, 1985).

Em decorrência da proximidade entre os processos culturais e produtivos, na sociedade contemporânea as tecnologias da informação e da comunicação não são apenas instrumentos técnicos no sentido tradicional, mas “feixes de propriedades ativas”, algo novo e diferente. Se antes as tecnologias serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos (visão, movimento etc.), agora “ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas” (ASSMANN, 2000, p. 6).

As novas tecnologias, desse modo, participam ativamente da passagem da informação para o conhecimento, ativando um fenômeno técnico para a construção cognitiva da realidade. “Doravante, nossas formas de saber terão um ingrediente (...) derivado da nossa parceria cognitiva com as máquinas que possibilitam modos de conhecer anteriormente inexistentes” (ASSMANN, 2000, p. 13).

Assim, uma “parceria cognitiva” se estabelece entre o ser humano e as ferramentas tecnológicas, de modo que termos como “usuário” não expressariam mais de um modo adequado essa relação cooperativa, principalmente considerando que o papel das tecnologias de informação e comunicação já não se limita à simples configuração e formatação, ou ao enquadramento de conjuntos complexos de informação.

Como forma de identificação e expressão de uma comunidade, a cultura corresponderá a um imaginário coletivo, um conjunto de símbolos e respectivos ritos que nela injeta a sua própria dinâmica. Dessa forma, a cultura é algo orgânico, em permanente mutação, que tanto se alimenta da memória coletiva como de visões e projeções individuais. Sua relação interativa lhe permite o acesso potencial ao todo, à rede em si, e a cada uma de suas partes, os conteúdos, na forma do holograma, de maneira que cada site incorpora as informações da rede que, segundo Pierre Lévy (1999), é o próprio espaço, a noção de universo ou completude física.

Abordar questões de comunidade e cultura implica falar da forma como se processa este encontro do indivíduo com os outros e com a sociedade: a comunicação. Hoje, assistimos, ainda, a novas e sistemáticas mudanças nos meios de comunicação, que se traduzem em importantes e profundas alterações culturais, especialmente nas coordenadas espaço-temporais que delimitam as comunidades.

Dessa forma, comunidade e lugar implicam-se mutuamente, sendo que o conceito deste sofre, também, com essa revolução em curso. A forma como a tecnologia invadiu

a vida em sociedade alterou não apenas a forma de apreender informações que se multiplicam, reelaboram-se e se reinterpretam, mas, também, o modo como é entendida a cultura: uma nova cultura se formou assim, a cibercultura, que se propõe a absorver toda a experiência que resulta das novas convergências.

Lévy propõe uma teoria de interfaces, em que os dispositivos sociotécnicos e informações constituem elementos indissociáveis de uma ecologia cognitiva. Dito de outra forma, o significado de uma informação está intimamente condicionado pela natureza de seu suporte: “traduzir antigos saberes em novas tecnologias intelectuais equivale a produzir novos saberes” (LÉVY, 1999, p. 184).

Em um cenário que interrelaciona o processo de globalização e a transnacionalidade, o problema da cidadania coloca-nos diante da necessidade de enfrentarmos a discussão sobre o papel das comunicações e das tecnologias da informação nos processos de mudança e permanência das relações sociais. Como afirma Wolton (2003, p. 32):

Se uma tecnologia da comunicação desempenha o papel essencial, é porque simboliza ou catalisa uma ruptura radical da ordem cultural ocorrendo simultaneamente na sociedade. Não foi a imprensa que, por si, transformou a Europa, mas sim a ligação entre esta e o profundo movimento que subverteu o poder da Igreja Católica.

As tecnologias de informação e os meios de comunicação não criam revoluções, segundo a perspectiva de Wolton (2003); ao contrário, são utilizados como instrumentos pelos processos que propõem alterações, ainda que cosméticas. A revolução industrial não criou o capitalismo, mas, sem dúvida alguma, o domínio da tecnologia da máquina assegurou a primazia sobre o processo de apropriação da riqueza produzida e esse domínio econômico gerou mais poder sobre a sociedade. Os capitalistas não poderiam impor suas relações de produção, se não incorporassem a forma mais produtiva e avançada de geração de bens materiais.

É possível antever, nas promessas em torno das tecnologias da informação, as mesmas ilusões que geraram prognósticos otimistas para os impactos da TV, do rádio, do satélite ou do cabo sobre o convívio humano. A TV e todas as formas do paradigma de difusão não têm, necessariamente, relação com as tecnologias da informação, ainda que sob olhar contemporâneo. Elas são mais do que formas de comunicação intensa e múltipla: são também tecnologias da inteligência (LÉVY, 1999) que ampliam as possibilidades de transformar informações em conhecimento. São tecnologias que reivindicam um comportamento interativo e se baseiam na proliferação da cópia. Permitem fundir sons e imagens e estas a textos, sendo multidirecionais e capazes de armazenar bilhões de dígitos na mesma máquina receptora e transmissora de mensagens.

Por cibercultura, compreendemos, então, as relações entre as tecnologias informacionais de comunicação e informação e a cultura, emergentes a partir da convergência informática/telecomunicações ocorrida na década de 1970. Trata-se de uma nova relação entre as tecnologias e a sociabilidade, configurando a cultura contemporânea (LEMOS, 2002). O princípio que rege a cibercultura é a “re-mixagem”, conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens, mix de informação

a partir das tecnologias digitais. Esse processo de “re-mixagem” começa com o pós-modernismo, ganha contorno planetário com a globalização e atinge seu apogeu com as novas mídias.

As novas tecnologias de informação alteram, portanto, os processos de comunicação, de produção, de criação e de circulação de bens e serviços nesse início de século XXI, trazendo uma nova configuração cultural, batizada por Lemos de “ciber-cultura-remix”. Uma nova concepção de tempo e espaço é não só vivida, mas praticada pela grande maioria de pessoas em todo o mundo. Em “Estética Digital” (2006, p. 95), Cláudia Giannetti cita Peter Weibel que, com clareza, desconstrói essa nova concepção de espaço e tempo: “Já não vivemos somente nas ruas e nas casas, mas também nos fios telefônicos, nos cabos e redes digitais. Estamos telepresentes num espaço de ausência.” Para o autor, o novo cenário configura:

(...) O espaço imaterial da telecomunicação, o espaço virtual desmaterializado da era tecnológica, um espaço da falta, mas é também um novo espaço de presença, da telepresença, situado além do visível, que sempre esteve ali, mas que nunca pode ser visto. As tradicionais relações de distância, vizinhança, centro e periferia modificaram. O tecnoespaço e o tecnotempo se situam além da experiência física; são espaços que se tornaram experimentáveis por meio das máquinas telemáticas, espaços de tempo invisíveis (GIANNETTI, 2006, p. 96).

O desenvolvimento tecnológico, principalmente com base na expansão das comunicações por satélite e através dos sistemas em rede, proporciona uma alteração quer ao nível de acesso da informação, quer ao nível da sua partilha. Caracterizada como a era das redes telemáticas planetárias, a cibercultura é uma cultura da desterritorialização. Ela coloca a humanidade em outra perspectiva frente a diversos problemas de fronteira, agravando as crises de controle e de acesso, influenciando em todas as demais formas de desterritorializações contemporâneas. A desterritorialização informacional afeta a política, a economia, o sujeito, os vínculos identitários, o corpo, a arte. A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito). Estão em marcha processos de desencaixe e de compressão espaço-tempo na cibercultura (LEMOS, 2002). Neste processo, surge a perspectiva da multiterritorialidade:

(...) resultante do domínio de um novo tipo de território, o território-rede em sentido estrito (...). Aqui, a perspectiva euclidiana de um espaço-superfície contínuo praticamente sucumbe à descontinuidade, à fragmentação e à simultaneidade de territórios que não podemos mais distinguir claramente onde começam e onde terminam ou, ainda, onde irão “eclodir”, pois formações rizomáticas também são possíveis. (...) (HAESBAERT, 2004, p. 344)

Surge, então, uma nova forma de experienciar a realidade, na qual as concepções de tempo e espaço foram alteradas, denuncia também a própria alteração da noção do homem contemporâneo. A tecnologia é assimilada pelo indivíduo de maneira a reforçar a sua autoridade, embora possa também esconder estratégias de dominação exercidas

do exterior. “A disponibilidade da informação pode ser uma oportunidade de obter melhor conhecimento e também maior superficialidade” (SACRISTÁN, 2003, p. 84).

Dispondo de ferramentas que nos permitem selecionar, questionar e fundamentar as nossas escolhas, temos, potencialmente, a possibilidade de produzir conhecimento de forma nova e criativa. Temos, hoje, mais do que nunca, um vasto conjunto de ferramentas tecnológicas que permitem reinventar formas de expressão, de conhecimento e comunicação.

Grande inovação do século XX, a internet é a rede mundial que agrega todas as outras redes nacionais, regionais e privadas, e que permite uma permanente ligação a milhões de sistemas, desde particulares, instituições acadêmicas, comerciais, governamentais e militares. Essa ligação propicia fácil acesso e troca de informação, assim como a transferência de dados. Projetada, inicialmente, como ferramenta acadêmica e militar, vem transformando a noção de sujeito e seu modo de se relacionar e atuar em face de diversos atores sociais e culturais.

A informação é a matéria prima da sociedade globalizada, definida por Manuel Castells como sociedade informacional - caracterizada por toda a conjuntura que permeia o mundo a partir dos anos 1990 e que possibilita a convergência das mídias de forma ampla e multicêntrica, em um sistema comunicacional interativo. Vivemos em uma sociedade profundamente influenciada pela cibercultura - conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento da rede mundial de computadores (LEVY, 1999).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Castells (1999, p. 461), a produção, a distribuição e o intercâmbio de dados digitalizados através de um sistema integrado de comunicação trazem consequências importantes para os processos sociais. A inclusão da maioria das expressões culturais na internet “enfraquece o poder simbólico dos emissores tradicionais fora do sistema, transmitindo por meio de hábitos sociais historicamente codificados: religião, moralidade, autoridade, valores tradicionais, ideologia política”.

A Internet veio derrubar barreiras espaciais, alimentando o conceito da *aldeia global*. A expressão “à distância de um clique” tornou-se comum, no que diz respeito à capacidade de alcançar, “virtualmente”, qualquer ponto do planeta. As potencialidades comunicativas deste admirável mundo novo são inúmeras e, ainda, em permanente evolução. A democratização do seu acesso e utilização permitiu a qualquer cidadão do mundo dar expressão às suas ideias e convicções, seja em fóruns de discussão, seja em *chats* e blogs etc. Obviamente, o poder da Internet foi rapidamente reconhecido pelo poder político e econômico e haverá sempre a tentação de exercer formas de controle sobre o que circula online.

O grande poder do conceito de democracia electrónica reside no fato de as tendências das tecnologias de comunicação poderem ajudar os cidadãos a acabar com o monopólio da sua atenção por parte dos poderes subjacentes ao paradigma da difusão – os donos das redes televisivas, associações de jornais e associações editoriais. A grande fraqueza do conceito de democracia electrónica consiste em poder ser mais facilmente transformado num produto do que explicado. A comercialização e a mercadorização do discurso são apenas um dos graves problemas colocados pela sofisticação crescente dos meios de comunicação. A Rede, que funciona maravilhosamente como uma rede lateral, também pode ser usada como uma jaula invisível (RHEINGOLD, 1996, p. 349).

O ciberespaço, como um mecanismo de liberação da emissão, de reconfiguração cultural e de sociabilidade coletiva em rede, é o que termina por determinar eventuais linhas de fuga em um espaço de controle informacional. Essas linhas de fuga vêm obrigando a indústria do entretenimento e da cultura massiva a readaptações. No lugar da compressão do espaço-tempo, o ciberespaço se configura como um lugar de quebra e criação de controle e de hierarquias, de territorialização e desterritorializações. De fato, não há formação de território que não deixe em aberto os processos desterritorializantes (LEMOS, 2002). O ciberespaço é um exemplo desse fenômeno: ele nasce como território controlado pelo poder militar e industrial e vai sendo, pouco a pouco, des-re-territorializado por novas demandas sociais.

Assim, o acesso ou o não-acesso à informação está por trás do processo de territorialização, desterritorialização da sociedade. Temos, portanto, que a cibercultura não apenas destrói hierarquias e fronteiras, mas que também as institui em um processo complexo de des-re-territorializações. Meyrowitz sustenta que a cultura contemporânea estaria voltando à forma primitiva, transformando-nos em “nômades globais na savana digital” (MEYROWITZ, 2004). Estaríamos imersos em uma maior flexibilidade social, uma organização fluida com papéis menos rígidos e lugares sociais intercambiáveis. As diversas formas de mobilidade contemporâneas exigem esforços complexos de compreensão por parte das ciências que esquadrinham a cultura, que decididamente não pode mais ser pensada em termos de categorias estanques.

4. REFERÊNCIAS

- ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.
- BARBOSA, P. **Arte, comunicação e semiótica**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. 2002.
- BARTHES, R. **O grão da voz**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: A SOCIEDADE EM REDE. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GIANNETTI, C. **Estética Digital**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** Do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

IANNI, O. **Teorias da globalização.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LEMOS, A. **Cibercultura.** Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. Cibercultura e mobilidade. In: LEÃO, L. (organizadora), **Derivas:** cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

MARTELETO, R. M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. **Informare**, v. 1, n. 2, 1995.

MEYROWITZ, J. Global Nomads in the digital veldt. In REVISTA FAMECOS, Porto Alegre, PUC-RS, p. 23-30, jul. 2004.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

RHEINGOLD, H. **A Comunidade Virtual.** Lisboa: Gradiva, 1996.

SACRISTÁN, José Gimeno. O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizadas. In GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antônio Flávio B. (Orgs.) **Currículo na contemporaneidade:** incertezas e desafios, São Paulo, Cortez, 2003.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.